

DO CONTO AO RECONTO SE FAZ UM PONTO: CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO TEXTUAL CONTO COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A POINT IS MADE FROM TELL TO RETAL: CONTRIBUTIONS OF THE TEXTUAL GENRE TALE AS A LEARNING STRATEGY IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

SE HACE UN PUNTO DEL CUENTO AL RETAL: CONTRIBUCIONES DEL GÉNERO TEXTUAL EL CUENTO COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAJE EN LA ENSEÑANZA DE LENGUAJE PORTUGUÉS

Margarete Trevizani¹

Andréia Cristina Freitas Barreto²

Hérvickton Israel de Oliveira Nascimento³

Resumo: O gênero literário conto é um recurso potencializador no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Desse modo, auxilia no desenvolvimento da escrita, leitura e da oralidade, uma vez que, mais que uma breve história, este gênero tão rico em suas múltiplas nuances nos aponta caminhos, abrem um mundo de significados, fortalecendo nossos vínculos humanos, artísticos, sociais, educativos, culturais e afetivos. Diante dessa relevância, esta pesquisa, do tipo qualitativa (OLIVEIRA, 2007), objetiva apresentar, a partir de uma experiência no Estágio Supervisionado em Letras, em uma turma do 6º ano do fundamental II, a potencialidade deste gênero textual no ensino da Língua Portuguesa, enquanto recurso didático e suas inúmeras contribuições no processo ensino-aprendizagem. A técnica de análise que optamos para a interpretação dos recontos, elaborados pelos alunos, foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1997), por considerar que seja a mais apropriada para a interpretação dos dados produzidos. Como resultado, observou-se várias potencialidades do conto como estratégia de ensino nas aulas de Português, promovendo a reflexão e sensibilização dos alunos para a compreensão não só dos conteúdos ensinados na escola, mas também para compreensão do mundo e de sua realidade.

Palavras-chave: Conto. Estágio. Gêneros Textuais. Língua Portuguesa.

¹Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia – Campus XVIII, Eunápolis – BA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8940-2369> E-mail: magatrevizani@gmail.com.

² Doutoranda em Educação-UFBA, Mestra em Educação em Ciências-UESC, Pedagoga-FAM. Professora do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia - Campus XVIII, Eunápolis-BA. Integrante do GEPEL - UFBA e GRUPAC-UESC. Professora da UNEB/Campus XVIII. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9555-5778> E-mail: andreyafreitas@hotmail.com.

³ Graduação em Letras pela Universidade Federal da Bahia e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, é doutorando no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Professor do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia -Campus XVIII, Eunápolis-BA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6407-2885> E-mail: ton.israel83@gmail.com.

Abstract: The short story literary genre is a potential resource in the teaching-learning process of the Portuguese language. In this way, it helps in the development of writing, reading and speaking, since, more than a brief history, this genre, so rich in its multiple nuances, shows us ways, opening up a world of meanings, strengthening our human, artistic, social bonds, educational, cultural and affective. Given this relevance, this qualitative research (OLIVEIRA, 2007) aims to present, from an experience in the Supervised Internship in Letters, in a 6th grade elementary school class, the potential of this textual genre in teaching Portuguese, as a didactic resource and its countless contributions in the teaching-learning process. The analysis technique we chose for the interpretation of the retellings, prepared by the students, was the Content Analysis proposed by Bardin (1997), considering that it is the most appropriate for the interpretation of the data produced. The approach takes place through the process of reflection on the research object from the studied reality. As a result, the importance of working with the teaching of Portuguese language was observed, in order to give meaning to the elements that are presented to students. In this way, we find several potentials of short stories as a teaching strategy in Portuguese classes, promoting reflection and awareness of students to understand not only the contents taught at school, but also to understand the world and its reality.

Keywords: Tale. Phase. Textual genres. Portuguese language.

Resumen: El género literario del cuento es un recurso potencial en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la lengua portuguesa. De esta manera, ayuda en el desarrollo de la escritura, la lectura y el habla, ya que, más que una breve historia, este género, tan rico en sus múltiples matices, nos muestra caminos, abriendo un mundo de significados, fortaleciendo nuestro ser humano, artístico, vínculos sociales, educativos, culturales y afectivos. Dada esta relevancia, esta investigación cualitativa (OLIVEIRA, 2007) tiene como objetivo presentar, a partir de una experiencia en el Pasantía Supervisada en Letras, en una clase de 6 ° grado de primaria, el potencial de este género textual en la enseñanza del portugués, como recurso didáctico y sus innumerables aportaciones en el proceso de enseñanza-aprendizaje. La técnica de análisis que elegimos para la interpretación de los recuentos, elaborada por los estudiantes, fue el Análisis de Contenido propuesto por Bardin (1997), considerando que es la más adecuada para la interpretación de los datos producidos. Como resultado, hubo varias potencialidades del cuento como estrategia de enseñanza en las clases de portugués, promoviendo la reflexión y la conciencia de los estudiantes para comprender no solo los contenidos enseñados en la escuela, sino también para comprender el mundo y su realidad.

Palabras clave: Cuento. Pasantía. Géneros Textuales. Lengua Portuguesa.

Introdução

A leitura faz parte do cotidiano dos sujeitos e é um hábito que deve ser estimulado ainda na infância, mas para tornar-se um hábito, ou seja, algo comum é necessário um constante estímulo a começar pelos grupos sociais de corriqueira convivência dos sujeitos, a exemplo o familiar e o escolar, sendo este último um ambiente onde alguns alunos demonstram pouco interesse pela leitura de cunho formal, ou seja, as leituras direcionadas pelas disciplinas específicas em seus livros, como observados nos estudos de Kleiman (1996).

Assim sendo, o conto torna-se uma estratégia no processo de desenvolvimento de atividades de aprendizado da Língua Portuguesa, assim como ferramenta no desenvolvimento

da escrita e da oralidade. Tal afirmação é reforçada por Gotlib (2006) que sinalizou que o gênero textual conto é uma prática literária, não recente, uma vez que surge desde os primórdios, antes mesmo do surgimento da escrita, quando estes eram transmitidos apenas na oralidade, através de lendas e histórias herdadas das gerações de outrora.

Sobre a potencialidade desse gênero literário Alarcão (1995) elucida que o conto pode ser um facilitador do processo de ensino-aprendizagem pelo fato de possuir um nível de familiaridade com o leitor, uma vez que a narrativa está presente em todos os momentos da vida do ser humano. Além de representar um material profundamente eficaz, no estudo de línguas, pela capacidade que possui de motivar, de estimular e de prender a atenção dos alunos para o seu estudo e pelas potencialidades linguísticas e socioculturais que apresenta.

Porém, é válido ressaltar que o gosto pela leitura ou a sua falta, está relacionado ao ensino-aprendizagem, que segundo Silva (1981) é um fator histórico social e cultural brasileiro de desigualdade assim como no seu resquício, em que uma pequena minoria, representada pela classe mais abastada, tinha acesso às benesses trazidas pela educação formal, relegando assim contexto boa parte da população ao analfabetismo.

Nesse sentido, percebemos que, ao trabalhar com gêneros textuais, observamos a sua relevância no processo dinâmico de interação da escrita e leitura como prática social, suas mudanças e permanências. Segundo Marcuschi (2003), refletir sobre gênero textual é necessário, tendo em vista que ele se faz tão antigo quanto a linguagem. Pois, nos gêneros textuais, existem particularidades que só os contos carregam sobre a sociedade. Desse modo, vemos tal prática como fundamental para a reflexão e absorção de diferentes conteúdos, funcionalidades e propósitos do ensino.

Assim sendo, encontramos a possibilidade de saímos do estudo do campo teórico, para o estudo das práticas pedagógicas presentes nas instituições de ensino, unindo deste modo a teoria com a prática na produção de conhecimentos; fato de extrema relevância, pois como endossado por Pimenta e Lima (2012, p. 44) a compreensão da relação entre teoria e prática possibilita estudos e pesquisas com perspectivas de uma nova concepção de estágio.

Observou-se nesta experiência que, ao propor o estudo do gênero conto visamos a tentativa de despertar o interesse do alunado pela leitura, escrita e habilidades voltadas a oralidade, além de uma melhor compreensão, análise e interação entre o texto e o leitor. Para tal, buscamos despertar o interesse dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola... pelo hábito da leitura a partir do uso desse gênero literário. Além de elencar nesse próprio

gênero histórias curtas, linguagem acessível, conflito único - uma história só - e poucos personagens.

Destarte, verifica-se que, a partir de conceitos que podem ser identificados em um determinado gênero literário, como no caso desta pesquisa, o trabalho com o conto, o professor consegue trabalhar a prática de produção textual a partir da vivência e experiências de cada um, contemplando as características necessárias para a produção de um conto. Nessa perspectiva, também possibilita o desenvolvimento de atividades gramaticais; e correções ortográficas, apresentando como uma ferramenta a mais de aprendizado, visto que interfere diretamente na aquisição de conhecimento.

Diante dessa relevância, a escolha do tema desta pesquisa surge da necessidade de superar os percalços encontrados na disciplina de Língua Portuguesa durante a experiência de Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Letras, no Ensino Fundamental II. A partir desta vivência, foi possível observar muitos entraves que refletem diretamente no processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, nessa fase escolar, tais como: a falta do hábito de leitura, dificuldade com a interpretação textual e a escrita formal – gramática. Todas essas dificuldades, quando não sanadas nessa etapa da escolarização, tendem a persistir nos anos posteriores e muitas vezes podem provocar um distanciamento do aluno dessa área de conhecimento.

Deste estudo emergiram dois questionamentos: 1) com base nos referenciais teóricos de Estágio Supervisionado nos cursos de licenciatura, quais os desafios da profissionalização docente na contemporaneidade? 2) A partir dessa vivência e de estudos que versam sobre gênero literário e o ensino de Língua Portuguesa, qual a potencialidade do conto como estratégia de aprendizagem nas aulas de Português. Assim, diante da relevância acadêmica desta investigação científica, essa pesquisa, do tipo qualitativa (GIL, 2010) visa apresentar, tendo como base a experiência da autora em uma turma do 6º ano do Fundamental II no estágio supervisionado, o potencial do gênero textual conto como estratégia de aprendizagem no ensino de Língua Portuguesa.

Um pé na teoria outro na prática: contribuições do estágio supervisionado na construção da identidade docente do professor de Língua Portuguesa

Com a realidade do Estágio Supervisionado podemos obter mais conhecimentos e ideias sobre a rotina educacional. É quando aliamos o estudo do campo teórico ao estudo das práticas pedagógicas presentes nas instituições de ensino, pois segundo Pimenta o Estágio é uma atividade teórica que constrói a práxis”, onde nos é possibilitado a união da teoria com a prática de uma forma dialógica e um campo aberto às propostas e práticas pedagógicas, sendo de extrema relevância as suas contribuições no reconhecimento e construção identitária do profissional em formação. É um momento de viver experiências e ver de perto nosso lugar de atuação como docentes, pois é nesse campo de atuação, ou seja, na escola em que lhe é conferido uma condição indissociável de teoria e prática sendo o estágio “teoria e prática e não teoria ou prática” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 41).

Sendo o estágio supervisionado uma das etapas mais importantes do curso de Licenciatura em Letras, é necessária a contextualização e informações acerca da legislação normatizada à prática que está respaldada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/96, art. 61, § único), reafirmando que é fundamental:

I – A presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho. II – A associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço (BRASIL, 1996).

Cabe aqui ressaltar, como aluna e pesquisadora da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – Campus XVIII – o regulamento interno e suas diretrizes que regem às práticas do componente de Estágio Supervisionado do curso de Letras da Instituição que se insere no objeto primeiro, a definição:

Art. 1º - Considera-se estágio curricular as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao educando pela vivência em situações reais de vida e trabalho, no ensino, na pesquisa e na extensão, na modalidade regular e Projetos Especiais perpassando todas as etapas do processo formativo e realizadas na comunidade em geral, ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, ONGs, Movimentos Sociais e outras formas de Organizações, sob a responsabilidade da Coordenação Central e Setorial.

Além de sua definição própria, o estágio curricular, aqui direcionado ao curso de licenciatura em Letras, preconiza dentro do regimento interno da instituição oportunizar ao

estudante a vivência real em seu campo de trabalho, ampliando o conhecimento e fortalecendo as práticas aprendidas durante a vigência do curso escolhido. O estágio também busca solucionar através de projeto de intervenção, problemas identificados no ambiente escolar, e a capacidade de elaboração e execução de projetos na área específica de seu estágio.

A estrutura curricular do Estágio Supervisionado no curso de Letras da UNEB/Campus XVIII está disposta em quatro etapas, distribuídas nos últimos semestres para a realização dos estágios, a saber:

Quadro 1: Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura em Letras na UNEB campus XVIII.

COMPONENTE ESTÁGIO SUPERVISIONADO – 405 HORAS		
DISCIPLINA	C/H	DESCRIÇÃO
Estágio Supervisionado I	90	Realiza observações e estudos diagnósticos em espaços escolares e não-escolares, percebendo a complexidade e as dimensões formativas existentes nos campos de atuação do Professor de Língua Portuguesa e Literaturas.
Estágio Supervisionado II	105	Elaboração de Projetos de intervenção diversos para serem aplicados em espaços educativos variados. Planejamento e desenvolvimento de atividades docentes através de Minicursos, Cursos de Extensão, Cursos Livres e outros, visando à prática docente para os anos finais do Ensino Fundamental
Estágio Supervisionado III	105	Regência no Ensino Fundamental II
Estágio Supervisionado IV	105	Regência no Ensino Médio

Fonte: Projeto do Curso de Letras UNEB/Campus XVIII⁴.

É importante ressaltar que todas as etapas dos estágios, apresentadas no quadro acima, se unem na pesquisa, extensão e regência e que são essenciais para um processo gradual de conhecimento da realidade da sala de aula, pois é com essa vivência que vamos adquirindo experiência e nos familiarizando com o ambiente escolar. Nesse sentido, tendo como ponto de partida essas primícias e consoante, alguns autores (FERREIRA; CLARK; RIBEIRO, 2020; MOREIRA, 2020; BEZERRA, 2020; FERREIRA; GUERRA, 2020; VINHAS; SILVA; BARRETO, 2021; FERREIRA; FERRAZ, 2021; SANTOS; BARRETO, 2021; SOUZA; FERREIRA, 2021; FERRAZ; FERREIRA, 2021; FERREIRA; ABREU, 2021; SOUZA, 2021; MAUAD; FREITAS, 2021; MORAIS, 2021) apontam em seus estudos sobre

⁴ Disponível: <https://portal.uneb.br/eunapolis/cursos/letras-vernaculas/> Acesso: 20. Dez. 2021.

Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 2, n. 6, p. 1-23, out./dez. 2021.

Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed>

ISSN: 2675-6889

a importância dos Estágios e a sua relação com o desenvolvimento da identidade do futuro profissional.

Nesse ínterim, observamos que é no espaço escolar que o futuro docente pode refletir suas vivências, suas inquietações e possibilidades de intervenção nas questões educacionais. Segundo (PIMENTA; LIMA, 2012) o estágio oferta novas possibilidades de ensinar e aprender a profissão docente, inclusive para os professores formadores, convidando-os a rever suas concepções sobre o ensinar e o aprender.

Por isso esta fase torna-se tão significativa na vida do estudante e futuro profissional de Língua Portuguesa, pois permite que as teorias adquiridas na universidade sejam aplicadas na prática da profissão escolhida e que algumas escolhas pedagógicas sejam feitas durante este processo. Além de possibilitar o primeiro contato do futuro educador com a realidade escolar, pois é na escola que se “compartilha a interpretação e a ampliação dos sentidos construídos individualmente” (COSSON, 2009, p. 65).

Assim, através da observação, pesquisa e prática pedagógica do estágio, aprendemos que o método, o objeto de estudo e os recursos a serem utilizados pelo professor norteiam o desenvolvimento dos objetivos pretendidos. Para Freire (1987), teoria e prática são inseparáveis e devem caminhar sempre juntas, cumprindo-se, através de sua relação, práxis autênticas, que proporciona aos sujeitos reflexão sobre a ação, promovendo educação para a liberdade.

Ainda com Freire (1987), “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. E sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 38). Por isso compreendemos que é no espaço educacional, seja através dos estágios de observação ou de prática que nos é permitida e apresentada a grande responsabilidade de conciliar teoria e prática, para assim estabelecer um ponto de partida.

Nessa perspectiva, os processos de formação de professores buscam obter um profissional autônomo, agente de mudança e capaz de investigar e refletir sobre sua prática docente, suas tomadas de decisões e suas ações tendo uma visão sistêmica do contexto escolar. Percebemos que o professor:

[...] deve ser capaz de argumentar e de defender um ponto de vista; deve ser capaz de se expressar com uma certa autenticidade, diante de seus alunos; deve ser capaz de gerir uma sala de aula de maneira estratégica a fim de atingir objetivos de aprendizagem, conservando sempre a possibilidade de negociar seu papel; deve ser capaz de identificar comportamentos e de

modificá-los até certo ponto. O “saber-ensinar” refere-se, portanto, a uma pluralidade de saberes (TARDIF, 2005, p. 178).

Porém, essa proposta só se torna possível na vivência docente diária do “chão da escola”, onde existem múltiplas particularidades e realidades que precisam ser respeitadas e geridas por seus integrantes, além de contribuir na construção da identidade do professor que se encontra em constante formação. Essa vivência se apresenta durante uma unidade escolar ao estagiário e, durante essa prática, alguns elementos pedagógicos precisam ser considerados ou reconsiderados avaliando a realidade apresentada. O estágio também prepara para um “trabalho docente coletivo”, uma vez que o ensino, como vimos anteriormente, não é um assunto individual do professor (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 56).

Frente aos desafios atuais, sejam eles econômicos, sociais ou familiares em que a educação se encontra envolvida, torna-se necessário durante a formação docente a preparação do futuro profissional de Língua Portuguesa para as particularidades que serão encontradas na atualidade escolar. Além da sensibilidade na identificação de alguns problemas que também contribuem para o baixo desempenho ou a falta deste na realização das propostas e tarefas a serem realizadas pelo alunado, como, por exemplo, fatores de ordem psicológica, emocional ou tecnológica.

Nesse sentido, a formação docente precisa ser um agente de mudanças, com capacidade de investigação e reflexão sobre as suas práticas, como defendido por Tardif (2005). Práticas que precisam ser pensadas mediante da realidade e o contexto social. E é nesse momento que o estagiário do curso de Letras terá a oportunidade de reafirmar sua escolha na profissão de professor de Língua Portuguesa, tendo uma visão mais ampla do campo de trabalho que irá encontrar ao desenvolver suas atividades profissionais, ou, como afirmam Pimenta e Lima (2012, p. 100) “o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos”.

O professor é sempre um pesquisador, o mesmo deve buscar e procurar inovar com novos métodos. É dessa forma que o ensino aprendizagem tem seu êxito. Acredito que o Estágio foi essencial para o processo de ensino aprendizagem dos licenciandos, onde houve a possibilidade de unir o estudo do campo teórico, ao estudo das práticas pedagógicas presentes nas instituições de ensino, aliando deste modo a teoria com a prática de uma forma dialógica. Dessa forma, pode-se constatar de perto a importância e contribuição do estágio supervisionado para a formação do professor de Língua Portuguesa na contemporaneidade.

O “conto” como potencialidade no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa

O uso de gêneros textuais como ferramenta e recurso didático é imprescindível no ensino de Língua Portuguesa, como apregoado pelos documentos oficiais referentes à educação. A saber os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) (BRASIL, 1999), que defende e estimula o investimento e trabalho com gêneros textuais em sala de aula. Segundo este mesmo documento os alunos precisam ser capazes de ler textos de diferentes gêneros, combinando estratégias de decifração.

Assim sendo, o uso de gêneros textuais no processo de ensino/aprendizagem é tido como forte aliado dos alunos no desenvolvimento da leitura, escrita e produção textual. Além de potencial instrumento de trabalho para os professores na construção do conhecimento. Conforme Marcuschi (2003), os gêneros textuais são “entidades sociodiscursivas” e “formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”; reafirmado também por Bronckart (1997, p. 103), no qual defende a apropriação dos gêneros como um mecanismo fundamental de socialização e inserção prática nas atividades comunicativas humanas.

Para tanto, é necessário que, durante esse processo de ensino aprendizagem, o educador com a escolha de um material adequado, possibilite aos alunos um contato significativo com a literatura clássica, e que o faça de forma interativa, enfatizando a importância da prática da leitura e desses clássicos em suas vidas. A escolha de um texto literário como prática em sala de aula propõe caminhos possíveis para diferentes interpretações, seja de personagens, cenários e o próprio contexto de sua época.

Dessa forma, os gêneros aparecem como meios de comunicação, com a intenção de facilitar a interação social. Nesse sentido, procuramos criar uma forma para que os alunos despertem o interesse pela leitura e escrita através de um gênero textual mais simples de ser entendido, porém muito rico e cheio de possibilidades em sua forma. A saber, o “conto” como gênero textual; gênero este que na prática literária vem desde os primórdios, antes mesmo do surgimento da escrita em que a tradição perpetuou essas narrativas como uma forma de ensinamentos transmitidos oralmente (GOTLIB, 2006).

O conto é um gênero literário que vem sendo bastante utilizado pelos professores de Português por ser geralmente uma história curta, com poucos personagens e única ação e espaço. Segundo Soares (2007), o conto “é a denominação atribuída a uma dada forma de narrativa com extensão menor, diferentemente do romance e da novela não apenas pelo

tamanho, mas por apresentar particularidades estruturais próprias”. Segundo Hoffman (2008, p.12): “os contos nasceram de relatos orais, realizados pelo povo de um lugar, sendo que estes existem desde que o ser humano desenvolveu a fala”

Nessa perspectiva, é válido elucidar um pouco da historicidade do gênero conto, que teve o seu início há muitos séculos, junto aos povos da antiguidade, entre eles: os gregos, romanos e egípcios que durante as noites enluaradas e em reuniões familiares, as pessoas se juntavam para narrar histórias/estórias, ou seja, o conto era feito de forma oral. Daí surge a expressão “Quem conta um conto aumenta um ponto” - ditado popular, sem autoria - visto que cada pessoa faz uma pequena alteração ao narrar a mesma história.

Nessa breve análise de historicidade do conto, não poderíamos deixar de citar alguns clássicos da literatura, entre eles: “As Mil e uma Noites”, de origem Persa; alguns séculos depois, surgiram importantes contistas, como Perrault (1628-1703) que criou o famoso “O gato de botas”, “Cinderela”, “O soldadinho de chumbo” entre outros. Depois, vieram os Irmãos Grimm, conhecidos por marcarem a história da imprensa com a publicação de contos escritos, entre eles temos: “Branca de Neve”, “Rapunzel”, “A Bela Adormecida”, “O Pequeno Polegar”, “Chapeuzinho Vermelho”.

Nos tempos mais atuais, tivemos outros nomes também renomados, que fugiram da “graciosidade” - e delicadeza- que até então se encontrava e era trazida pelo conto como, Edgar Allan Poe, Leo Tolstoy, que produziram diferentes tipos de estórias, com um viés mais sombrio. Por fim, mas não menos importante destacamos alguns grandes autores (as) brasileiros que também foram e são considerados como contistas, entre eles os célebres e clássicos Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, Clarice Lispector entre outros grandes nomes.

A forma de interação e dinamismo com que os contos podem ser trabalhados em sala de aula possibilita a compreensão da língua como fator e prática social, contribuindo para o desenvolvimento da leitura e favorecendo o desempenho da escrita na produção textual. Sendo assim, esse estilo literário pode estimular o aluno a encontrar nesse gênero uma forma de entender melhor sua própria realidade pois, ao ler narrativas curtas, que exijam uma resposta mais rápida e dinâmica do receptor, o aluno pode se sentir mais atraído pelo texto. (SILVA, 2005, p. 93). E é dessa interação que segundo Kleiman (1996, p. 24) o leitor mais inexperiente compreende o texto.

A percepção de que as práticas de leitura não devem estar atreladas apenas às ferramentas que a escola oferece é um passo importante na busca por métodos, conteúdos e

formas diferenciadas de aplicabilidade em sala de aula. O método, o objeto de estudo e os recursos a serem utilizados pelo professor é que irão nortear o desenvolvimento dos objetivos pretendidos.

Outro ponto relevante na diversificação dos métodos a serem trabalhados em sala de aula é a possibilidade de os alunos adquirirem conhecimentos diferenciados a respeito de um novo gênero, aqui trazido pelo conto. A expansão do pensamento crítico e conseqüentemente o melhoramento do vocabulário e escrita traz várias possibilidades positivas no processo de uma produção textual.

Afinal, formar leitores críticos nos trará indivíduos questionadores e atuantes. Para Cosson (2009, p. 65) “a escola compartilha a interpretação e a ampliação dos sentidos construídos individualmente”. Por isso é importante ressaltar que estimular a prática da leitura na nossa sociedade não é uma tarefa fácil para o educador. Trata-se de um processo lento e complexo que requer um olhar mais aproximado do seu “público-alvo”, antes, porém, é necessário que se descubra meios de tornar a leitura uma prática interessante de forma que sintam vontade de praticar sempre.

Caminhos Metodológicos

Esse estudo foi orientado pelos fundamentos da pesquisa qualitativa (OLIVEIRA, 2007). A escolha dessa abordagem se dá pelo processo de reflexão do objeto da pesquisa a partir da realidade estudada, o que permite considerar tendo como base o rigor científico, as particularidades desse estudo.

Desse modo, utilizam-se métodos e técnicas para compreensão do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou sua estruturação. Para esse tipo de técnica, é importante entender que todos os fatos, fenômenos são relevantes para a pesquisa (OLIVEIRA, 2007). Ou seja, “é a tentativa de encontrar uma explicação através da produção de dados na realidade empírica, realizando um estudo aprofundado através da sistematização de conhecimentos já existentes e de novas descobertas através da realização de pesquisas” (OLIVEIRA, 2007, p. 42).

A escolha do objeto dessa pesquisa, surge no Estágio III, nas aulas de Língua Portuguesa em uma turma de 37 alunos do 6º ano do Fundamental II de uma escola municipal de Eunápolis-BA. O gênero textual conto foi escolhido como tema do projeto de intervenção da disciplina com vistas às potencialidades do mesmo no processo de ensino-aprendizagem do componente curricular Língua Portuguesa.

Durante essa experiência, utilizamos contos diversos, tais como: “A linda menina de Angola”, de Ana Gizélia Vieira; o “Conto da Mentira”, de Rogério Augusto; “O menino marrom”, de Ziraldo; “O padre”, de Graci e o “Leão e o ratinho”, de Jean de La Fontaine. Esses contos eram utilizados nas aulas com o objetivo de despertar nos alunos o interesse pela leitura, escrita e produção textual.

Dessa forma, os dados apresentados nesses estudos serão dois recontos produzidos pelos alunos da turma supracitada, durante a experiência no Estágio de regência. O motivo da escolha se deu por mais se aproximar do objetivo de pesquisa, possibilitando o desenvolvimento da análise.

Assim, a técnica de análise que optamos para a interpretação dos resultados foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1997), por considerar que seja a mais apropriada para a interpretação dos dados produzidos, buscando resultados para os questionamentos levantados acerca do potencial do conto no processo ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. A Análise do Conteúdo consiste:

No conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 42).

Dentre as várias técnicas de análise de conteúdo, será escolhida a modalidade que mais se adapta aos objetivos, à abordagem e aos instrumentos metodológicos desta pesquisa. Nesse contexto, a unidade de registro que será utilizada versará sobre a leitura, escrita e produção textual.

A realização desse estudo se torna de extrema relevância por acreditar que seus resultados irão contribuir para a área de pesquisa de práticas pedagógicas de professores de Língua Portuguesa e desenvolvimentos de estudos que versam sobre o potencial do conto como ferramenta metodológica nas aulas de Língua Portuguesa.

Resultados e Discussão

Como já foi salientado, durante o estágio, apresentamos aos alunos diversos contos com o objetivo de explorar todas as suas características e potencialidades, além de abordar a gramática normativa a partir desse gênero textual. Os contos relatados ao longo do estágio foram pensados e escolhidos por possuírem narrativas curtas, carregarem uma diversidade

temática e por não serem tão populares, logo apresentáramos o quesito “novidade” ao alunado. São eles: “A linda menina de Angola”, de Ana Gizélia Vieira; o “Conto da Mentira”, de Rogério Augusto; “O menino marrom”, de Ziraldo; “O padre”, de Graci e o “Leão e o ratinho”, de Jean de La Fontaine.

Porém, para este estudo destacamos apenas dois contos, dos quais foram citados anteriormente, são eles: “A linda menina de Angola”, de Ana Gizélia Vieira, que tem por temática a diversidade étnica e a sua representatividade; e o “Conto da Mentira”, de Rogério

Augusto, que tem por temática um personagem que contava muitas mentiras, nas quais o colocam em diversas confusões. Analisaremos tais contos de forma mais aprofundada, no decorrer dessa análise e os textos na íntegra, encontram-se anexados ao fim do trabalho.

Assim, propomos como forma de avaliação que fossem reproduzidos recontos a partir de todo conteúdo explorado durante aquele período. As análises aqui feitas foram agrupadas em 2 (dois) textos.

A seguir apresentaremos o reconto, “Um Belo dia de um jovem artista” do aluno Carlos Daniel em que versa sobre a história de um jovem artista que busca ter suas produções reconhecidas ao ser contratado por uma agência de talentos e assim poder viver de sua arte.

Conto 1: “Um belo dia de um jovem artista

Um Belo Dia de um jovem
Artista

Era o ano de 1983 e um menino muito criativo, saudável e humilde gostava de fazer desenhos, era um artista.

Ele sempre fazia seus desenhos em uma cabana de palha para matar a saudade que sentia de sua mãe que havia falecido em 1982.

Ele sempre divulgava sua arte, e mostrava a todos seu talento.

Um belo dia chegou uma carta em sua casa dizendo para ele comparecer em uma empresa de artes. Assim ele ficou muito feliz porque era seu sonho e o sonho de sua mãe que ele se tornasse um grande artista.

Ele conseguiu ser contratado e trabalhou como arte até os 50 anos.

(Reconto do aluno Carlos Daniel)

No texto acima, trabalhamos a reescrita, pois reescrever essas produções junto com o aluno, permite que este olhe para sua escrita e reconheça que reescrevendo também pode amadurecer suas produções. Os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) complementam, apontando que:

Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua (BRASIL, 1998, p. 20).

Revela a importância dos termos gramaticais, bem como os elementos de coesão e coerência. Percebe-se que o/a aluno (a) se utiliza dos elementos que justificam a estrutura de um conto e suas características, sendo elas um relato de um acontecimento, uma narrativa curta, com poucos elementos e sem o comprometimento com a realidade (GOTLIB, 2006).

A questão gramatical, por sua vez, perpassa por diversas discussões. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento oficial que norteia a elaboração dos currículos das escolas, de Língua Portuguesa, tanto do ensino fundamental quanto do médio, afirmam que o que deve ser ensinado não são os aspectos gramaticais, mas sim os que precisam ser

tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e textos. O texto deve servir como base para o ensino da gramática e não o contrário.

Nesse primeiro momento, foi possível entender que houve da parte do alunado uma compreensão sobre como funciona a estrutura e produção desse gênero, sendo possível atrelá-lo às diversas realidades à nossa volta. Segundo Marcuschi (2008), quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

Neste fragmento “*Sempre fazia seus desenhos em uma cabana de palha para matar a saudade da avó que havia falecido em 1982*”, foi possível verificar alguns elementos presentes no relato que são comuns a outros e escolhemos o tempo verbal, que serviu para enriquecer o texto e situar o leitor no tempo e espaço. Assim sendo, elaboramos exercícios para que os alunos identificassem no excerto retirado em qual tempo verbal este se encaixava.

No trecho “*Isso o deixou muito feliz, porque era a chance de realizar seu grande sonho...*”, identificamos o uso do referente textual e também os efeitos provocados pelo corte ou acréscimo de alguma palavra ou a sua ordem nas frases, ou seja, a gramática sendo explorada aos poucos com todos esses elementos que atuam na construção de sentido do texto.

O relato a seguir foi produzido por três alunos e narra a história de vilões e heróis em conflito pelo domínio do poder:

Conto 2: VILÕES E HERÓIS: ENTRE GUERRA

Trilões e Heróis: entre Guerra

Os trilões estavam cansados de atacar individualmente e decidiram reunir e fazer uma guerra para derrotar os Super-Heróis.

Assim começaram a guerra, mas a vilão do fogo não quis atacar um dos super-heróis que era a água.

Quando a guerra terminou só sobraram dois elementos: o fogo e a água. O mundo estava para ser destruído, então a vilão fogo e a heroína água se uniram e decidiram reconstruir o mundo. Quando acabaram a missão eles estavam apaixonados e decidiram viver juntos para sempre.

Reconto dos alunos: Laís, Eduardo, Ana Lara e Gabrielly.

Observamos que no conto 2 (dois) acima os autores trouxeram uma narrativa sem excessos, com enredo, conflito e desfecho em um único cenário com autonomia para criar e desenvolver suas histórias. Segundo Soares (2007), ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte das personagens, [...] “o conto aparece como uma amostragem, um flagrante instantâneo pelo que vemos registrado literariamente”. Durante a leitura de suas produções era notória a curiosidade dos colegas em descobrir o desfecho das narrativas.

Dessa forma, conseguimos trabalhar também a capacidade de ouvir durante a roda de contação das histórias. No desenvolvimento das aulas, foram estudados, através dos contos escolhidos e produzidos pelos alunos, elementos que compõem a gramática, ou seja, a estrutura das línguas. A linguista Beth Marcuschi (2009, s/p apud MOÇO, 2009, s/p)) salienta que “o que importa é fazer a garotada transitar entre as diferentes estruturas e funções dos textos como leitores e escritores”, e ao retratá-los em sala de aula conseguimos despertar o interesse pela leitura e escrita, possibilitando também o estímulo de habilidades voltadas para a oralidade.

Ao trabalharmos um texto em sala, conseguimos destacar alguns aspectos relevantes para o trabalho com a língua, sem que isso resultasse em uma atividade maçante de fazer análise de sentenças ou exigindo memorização de nomenclatura gramatical. Sendo assim, a seguir apresentaremos algumas atividades propostas que tiveram como base “O conto da mentira”, de Rogério Augusto, que tem por temática um personagem que contava muitas mentiras, nas quais o colocam em diversas confusões:

O Conto da Mentira

Rogério Augusto

Todo dia Felipe inventava uma mentira. "Mãe, a vovó tá no telefone!". A mãe largava a louça na pia e corria até a sala. Encontrava o telefone mudo.

O garoto havia inventado morte do cachorro, nota dez em matemática, gol de cabeça em campeonato de rua. A mãe tentava assustá-lo: "Seu nariz vai ficar igual ao do Pinóquio!".

Felipe ria na cara dela: "Quem tá mentindo é você! Não existe ninguém de madeira!".

O pai de Felipe também conversava com ele: "Um dia você contará uma verdade e ninguém acreditará!". Felipe ficava pensativo. Mas no dia seguinte...

Então, aconteceu o que seu pai alertara. Felipe assistia a um programa na TV. A apresentadora

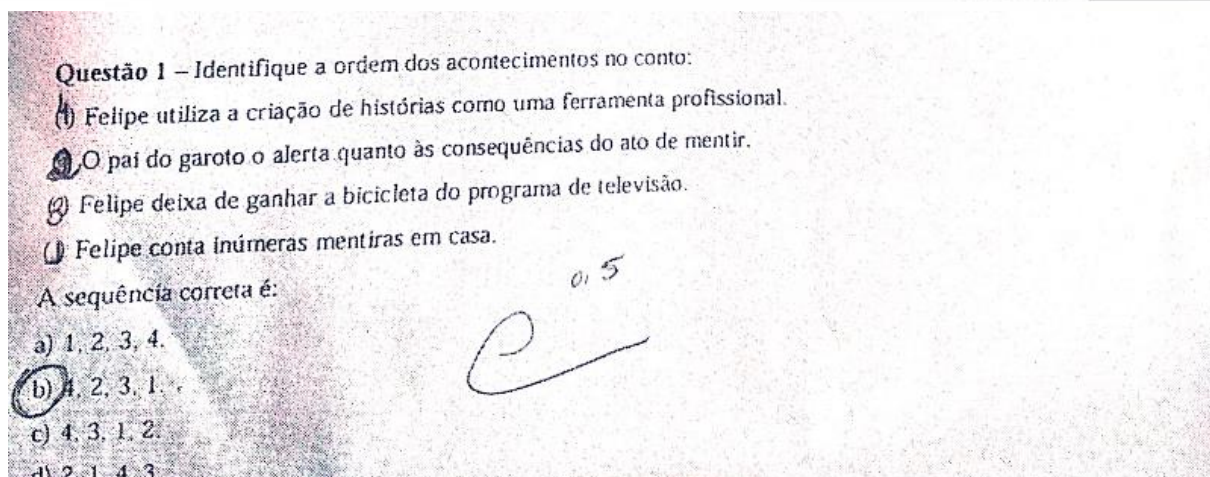
ligou para o número do telefone da casa dele. Felipe tinha sido sorteado. O prêmio era uma bicicleta:

"É verdade, mãe! A moça quer falar com você no telefone pra combinar a entrega da bicicleta. É verdade!".

A mãe de Felipe fingiu não ouvir. Continuou preparando o jantar em silêncio. Resultado: Felipe deixou de ganhar o prêmio. Então, ele começou a reduzir suas mentiras. Até que um dia deixou de contá-las. Bem, Felipe cresceu e tornou-se um escritor. Voltou a criar histórias. Agora, sem culpa e sem medo. No momento está escrevendo um conto. É a história de um menino que deixa de ganhar uma bicicleta porque mentia...

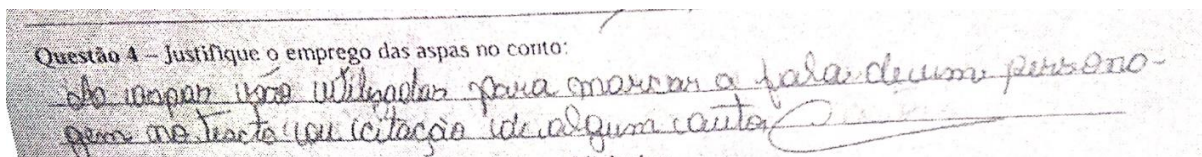
A partir desse conto trabalhamos as atividades que versam sobre leitura e interpretação textual em que os alunos enumeravam a ordem dos acontecimentos do texto, justificavam os sinais de ortografia destacadas em frases e identificavam os referentes em destaque de acordo com o planejamento de aula desse dia. O objetivo foi reforçar o ensino da língua no que se refere às normas padrões (gramática) e o de possibilitar o contato com o gênero enriquecendo a imaginação, explorando o contato com a diversidade e potencialidade dos contos por meio da leitura e andando junto das produções de escrita. Como podemos observar a seguir:

1 - No exemplo abaixo, propusemos situações em que os alunos fizeram a interpretação do texto especificando a ordem dos acontecimentos possibilitando-lhes, dessa forma, conhecer e analisar diferentes recursos coesivos.



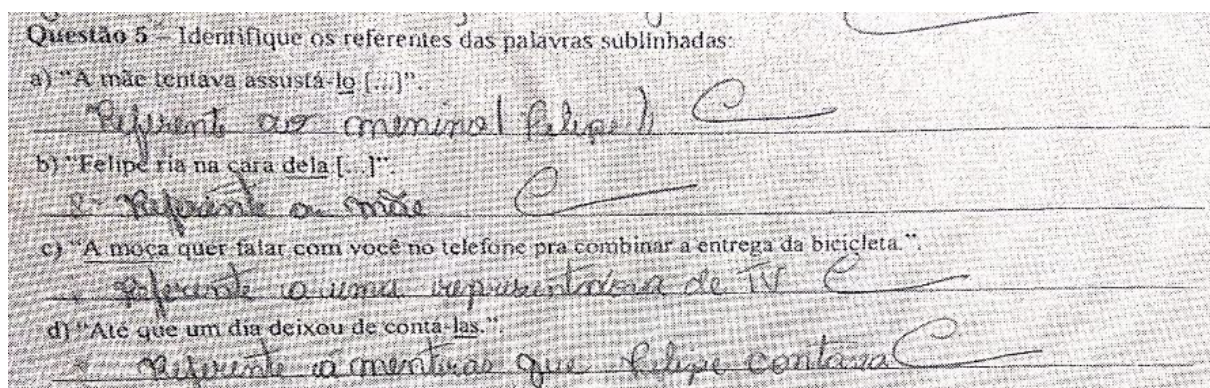
Fonte: Dados da pesquisa.

2 - Pontuando o uso das aspas como um dos sinais de ortografia, solicitamos aos alunos que justificassem o seu uso dentro do conto exposto:



Fonte: Dados da pesquisa.

3 - A referenciação é caracterizada pela retomada de elementos no texto e a partir disso, neste último recorte pedimos que identificassem os referentes sublinhados em cada frase:



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do exposto, percebe-se o avanço dos alunos no reconhecimento e desenvolvimento do conteúdo ao responderem as atividades gramaticais, atividades estas que tiveram sua abordagem feita no contexto das produções desse potente gênero textual.

Sendo assim, considera-se imprescindível a revisão, interpretação textual ou a chamada reescrita do texto, com objetivo de oportunizar aos alunos a investigação do processo sistêmico de produção para a reflexão, a qual supõe recortes e ajustes. Compreendendo por que os ajustes se fizeram necessários e justificando de certa forma que as reformulações, entre elas as gramaticais, foram feitas com base na estrutura da língua e nas convenções da norma culta. Neste sentido, o linguista Sírio Possenti (1997) salienta que:

[...] a escola deve trabalhar para que todos os seus alunos, ao término de alguns anos, tornem-se capazes de ler e escrever, na língua padrão, textos das mais variadas tipologias, e isso é possível de ser desenvolvido através de atividades que a signifiquem (p. 109-128).

O autor enfatiza que é necessário fazer uma distinção entre o que seja saber gramática e o que seja saber a língua, saber falar, escrever, constituir-se, enfim, em um usuário eficaz da língua.

Foi possível avaliar a língua portuguesa ensinada primeiro pelo todo e depois pelas partes com suas regras e conceitos dentro de um contexto de produção e interação tanto pelo contista que quer transmitir sua ideia quanto pelo leitor em apreendê-la. Tendo a produção de recontos como atividade final como método de ensino/aprendizado e o desempenho dos alunos, mas principalmente a proposta como um todo, cujo conteúdo não está imune às falhas, porém, estas mesmas falhas sendo corrigidas e servindo de base para o planejamento das próximas práticas pedagógicas em sala de aula, envolvendo o uso desse gênero textual tão rico e plural em possibilidades.

Algumas Considerações

Diante do exposto, vimos como a leitura é uma ferramenta imprescindível na vida dos sujeitos, seja ela em seu ambiente social/cotidiano, seja para fins escolares ou para descontração. Observou-se, também, que essa prática entendida de forma “prazerosa” depende do estímulo recebido desde muito cedo; estímulo este que se estende para além das fronteiras do ensino formal, a começar pelo ambiente familiar, primeiro contato do indivíduo com o mundo.

Quando analisamos o histórico da educação formal no Brasil, ficam evidentes suas disparidades sociais, evidenciadas pela má distribuição econômica. O ensino hoje, aclamado como inclusivo e para todos, não "beneficiava" a população em sua maioria composta por

trabalhadores comuns e sim a pessoas com posses cujos filhos muitas vezes eram enviados para grandes instituições educacionais, seja no Brasil ou fora dele.

Considerando a prática da leitura como fonte de prazer e aprendizado, esse estudo emergiu através do Estágio Supervisionado III, onde nos foi oportunizada a chance de testar alternativas possíveis para a prática da leitura, escrita e interpretação textual em uma turma dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Através da nossa proposta trabalhamos o gênero textual “conto” - narrativa curta, com poucos personagens - a fim de instigar, aguçar a curiosidade e também construir pontes e possibilidades referentes ao interesse da Língua Portuguesa: leitura, escrita, gramática e recontos. Contos dos quais os alunos foram autores, se utilizando da criatividade e do aprendizado construído durante o período de estágio supervisionado, mediante atividades e orientações.

Sendo o estágio um fator de relevância em diversas profissões, principalmente ao tratarmos de cursos voltados para a licenciatura, carregamos grande responsabilidade em nossa prática enquanto futuros professores e agentes de mudança. Devemos levar coragem e afetividade nas ações docentes futuras, o que estimula à criatividade e ao desafio de suprir carências.

Precisamos compreender a realidade em sua diversidade assim como suas implicações que podem afetar o alunado desde o desempenho escolar à vida social. Nessa prerrogativa, torna-se desafiador a formação e a prática docente. A partir dessa vivência de estudos que versam sobre o gênero textual “conto”, utilizados no decorrer deste trabalho e o ensino de Língua Portuguesa, encontramos várias potencialidades do conto como estratégia nas aulas de português. Entre elas, podemos destacar a narrativa curta, a ludicidade, a apresentação de pouco personagens e de uma cena de ação prendendo assim a atenção do leitor.

Destacamos também sua potencialidade para ser lido/trabalhado em atividades que incluem “contação de histórias” em grupo, além da própria facilidade na escrita narrativa, construída do aprendizado promovendo mais significado, reflexão e sensibilização dos alunos para a compreensão não só dos conteúdos ensinados na escola, mas também para compreensão do mundo e de sua realidade. Nessa perspectiva, a abordagem metodológica a partir do gênero conto pode favorecer ao ensino da leitura e da escrita de forma dinâmica e eficiente.

Referências

ALARCÃO, Maria de Lourdes. **Motivar para a leitura**. 1995. Lisboa, Texto Editora.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacional**. Ensino Fundamental (séries finais) – Língua Portuguesa. 1998. Retirado de: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>, disponível em 22/10/2009. Acesso em: 20 maio 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacional**: ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média Tecnológica, 1999. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf, disponível em 22/10/2009. Acesso em: 20 maio 2021.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 26 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **Revista Nova Escola**. Ano XVIII, nº 166, outubro de 2003.

BEZERRA, Paloma Oliveira. A constituição da identidade profissional e dos saberes docente: territórios da experiência. **Revista De Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p. 432-445, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7902>. Acesso em: 23 jan. 2021.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – CONSEPE - Aprova o **Regulamento Geral de Estágio da UNEB**. Resolução N.º 795/2007, de 13 de fevereiro de 2007, Salvador, p. 20.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FERRAZ, Roselane Duarte; FERREIRA, Lúcia Gracia. Estágio supervisionado no contexto do ensino remoto emergencial: entre a expectativa e a resignificação. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, 2021. p. 1-28. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8963>. Acesso: 10 dez. 2021.

FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte. Por trás das lentes: o estágio como campo de formação e construção da identidade profissional docente. **Revista Hipótese**. v. 7, n. único. p. 301-320. 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1sKomRrXn2RJaSe4WRvANcNfRgF6rRC9g/view>. Acesso: 20 set. 2021.

FERREIRA, Lúcia Gracia; ABREU, Roberta Melo de Andrade. Características e desafios dos/nos anos iniciais do ensino fundamental: vozes de estagiários. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 5, 2021. p. 1-31. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/9557>. Acesso em: 20 out. 2021.

FERREIRA, Lúcia Gracia; CLARK, Georgia Nellie; RIBEIRO, Djeissom Silva. Formação do Pedagogo para Gestão Escolar: experiência curricular em interface com extensão. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 7, ahead of print, 2020. p. 1-19. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/10427>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FERREIRA, Álex de Carvalho; GUERRA, Adriana. A construção da identidade docente de licenciados em Física e Matemática: relatos sobre o processo formativo. **Revista De Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p. 83-96, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7455>. Acesso em: 23 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOFFMAN, Juliana. **Construindo e reconstruindo narrativas infantis, através dos contos de fadas**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Instituto Cenecista Fayal de Ensino Superior. Itajaí-SC, 2008. Disponível em: encurtador.com.br/sxCJ5. Acesso em: 22 maio 2021.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 1996. Campinas: Pontes.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 3 ed. 2003. p. 19-36.

MAUAD, Samara; FREITAS, Léa G. de. Ensino remoto emergencial e o estágio supervisionado em educação em tempos de pandemia da COVID-19. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, 2021. p. 1-27. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8318>. Acesso: 10 ago. 2021.

MOÇO, Anderson. Gêneros, como usar. **Nova Escola**, São Paulo, ano XXIV, n. 224, p. 48-57, ago. 2009. Disponível em: encurtador.com.br/iyBK5. Acesso em: 22 maio 2021.

MORAIS, Erivania Melo de. O estágio supervisionado de formação docente em tempos de ensino remoto: os desafios de uma formação crítica e reflexiva. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, 2021. p. 1-16. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/issue/view/463>. Acesso: 10 ago. 2021.

MOREIRA, Jefferson da Silva. Implicações do estágio supervisionado na constituição da identidade profissional: relato de experiência. **Revista De Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p 375-391, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7681>. Acesso em: 23 jan. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola? In: PEREIRA, Maria Teresa G. (Org.). **Língua e linguagem em questão**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

SANTOS, Jaciara de Oliveira Santanna; BARRETO, Andreia Cristina Freitas. A invisibilidade do trabalho docente em tempos de pandemia: das políticas às práticas. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 232-241, 2021. Disponível: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/36693>. Acesso: 20 dez. 2021.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. Estágio Remoto Emergencial: refrações de um conceito para o ensino. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 2, n. 4, 2021. p. 1-15. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8968>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SOUZA, Ester Maria Figueredo. FERREIRA, Lucia Gracia. Ensino Remoto Emergencial e o Estágio Supervisionado nos cursos de licenciatura no cenário da pandemia COVID 19. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v.13, n. 32, e -14290, jan./dez. 2020. p. 1 -20. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/14290>. Acesso: 06 out. 2021.

VINHAS, Thaís; SANTOS, Lorena Michelle Silva dos; BARRETO, Andreia Cristina Freitas. Estágio Supervisionado e Ensino Remoto Emergencial: quais os desafios para a formação docente?. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 176-189, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/36252>. Acesso: 20 dez. 2021.

Recebido em: 15 de novembro de 2021.

Aprovado em: 18 de dezembro de 2021.